

CAPÍTULO I. COMO IMPLANTAR UM JARDIM COM FLORES ANUAIS

Ivan André Alvarez

Embrapa Semi-Árido - BR 428, Km 152, Zona Rural, C. P. 23, CEP 56.300-900, Petrolina (PE). E-mail: ivan.alvarez@cpatsa.embrapa.br

Daniel Terao

Embrapa Semi-Árido - BR 428, Km 152, Zona Rural, C. P. 23, CEP 56.300-900, Petrolina (PE). E-mail: daniel.terao@cpatsa.embrapa.br

Antônio Fernando Caetano Tombolato

Instituto Agrônomo (IAC), Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento Jardim Botânico, Av. Barão de Itapura, 1481, CEP 13.020-902, Campinas (SP). E-mail: tombolat@iac.sp.gov.br

O primeiro passo na implantação de um jardim é definir que tipo de jardim pretende-se criar. A princípio, é necessário um projeto, de forma a estabelecer um planejamento mínimo considerando-se o relevo do terreno, que plantas serão utilizadas e em que quantidade, elementos arquitetônicos que farão parte do jardim, entre outros dados.

ASPECTOS PAISAGÍSTICOS

No paisagismo, trabalha-se com variáveis como textura, cor e forma, combinadas entre si, seguindo um ordenamento. A escolha de plantas para jardim é mais que tudo inspiração, já que a combinação de seus elementos proporcionará um efeito estético, o que exige entrega de quem está planejando, caso contrário, não haverá formação de cenários. O bom paisagista utiliza-se de conceitos, inseridos em princípios básicos, mas aquele que se destaca é como um artista, que observa os costumes dos usuários, que tem sensibilidade para perceber o que eles poderão sentir ao vivenciar o jardim. Há uma mensagem a passar e ele se coloca no lugar de quem a recebe. As plantas anuais ou bianuais são a renovação do jardim. Elas passam idéias, mostram épocas e estações, comemoram datas, amenizam locais opressores, provocam sensações que podem ser até de desconforto. Quando se trabalha com a paisagem, criando cenários, utiliza-se da imaginação, da criatividade, do olhar, da capacidade de prever. Por isso é crucial ir além de combinar plantas e elementos arquitetônicos. É importante harmonizar alma e concreto, vivo e inanimado, antevendo o bem-estar que estes opostos podem proporcionar se bem combinados.

A composição paisagística leva em consideração alguns fatores básicos como localização, simplicidade, dominância, repetição, proporção e contraste. Os jardins são criados a partir de elementos focais centralizadores, que vão atrair o olhar, podendo ser dominantes no cenário. A originalidade depende de poucas cores, formas e texturas arrumadas com parcimônia. A repetição deve ser utilizada com cuidado para não tornar o jardim monótono, mas ela é importante para salientar uma idéia, que pode ser evidenciada por meio das proporções, do equilíbrio. Há elementos integradores entre as partes do jardim, por exemplo, caminhos, forrações, flores rasteiras. A variação entre os elementos deve ser gradual e não brusca e depende da seqüência que se dá a eles. O contraste só deve ser usado quando, de fato, quer-se destacar um elemento. As flores anuais ou bianuais podem ser usadas, conforme a época de floração, como contrastes marcantes, ao longo do ano.

Quando se pretende implantar um jardim, o projetista precisa colocar-se no lugar de um usuário que percorre todo o jardim e também daquele situado fora dele. Há algumas vistas que serão barradas, outras que serão privilegiadas. Ele deve lembrar que as flores anuais, são do extrato inferior da vegetação, aquele que faz a ligação dos elementos, dando a sensação de continuidade e integração dos ambientes.

Para um projeto de paisagismo, é necessária, inicialmente, uma planta baixa do terreno, marcada com os pontos cardeais, identificando onde o sol nasce e se põe. Isso é muito importante para o sucesso do futuro jardim, uma vez que a escolha das plantas está intimamente relacionada com as condições climáticas de cada época do ano:

temperatura, pluviosidade, umidade relativa e insolação.

As linhas visuais no projeto são importantes para criar uma paisagem harmônica com o entorno do ambiente onde se instalará o jardim. Estuda-se o local como um observador colocado em um determinado ponto do jardim enxergaria a paisagem. Identificando-se as posições do sol no jardim, anotam-se os locais iluminados e cada sombra ao longo do dia, considerando muro, construções e árvores já existentes. Devem-se levar em consideração, ainda, as épocas do ano. De acordo com esses dados, alocam-se as plantas em conformidade com sua necessidade de luz, identificando-as como plantas de pleno sol, de meia sombra e de sombra.

A luminosidade é um fator muito importante também com relação à sensação que se vai causar em quem irá frequentar o jardim. Conforme a luminosidade, sensações diferentes poderão ser provocadas. Em regiões mais quentes, de muita luminosidade, quanto maior o número de plantas e elementos que fornecem sombra, melhor será a contribuição para difundir a luminosidade. A composição com os elementos arquitetônicos é fundamental para a composição mais adequada. Em locais frios, jardins mais abertos dão uma sensação mais leve, permitindo maior luminosidade. Plantas que suportam luz solar direta são mais fáceis de serem manejadas e localizadas no jardim.

Os ventos são muito importantes também para propiciar ou não conforto a quem vai usufruir do jardim. A direção dos ventos deve ser observada para que as plantas possam ser manejadas de forma adequada.

Como dito anteriormente, as plantas anuais ou bianuais, colocadas no projeto paisagístico, serão responsáveis pela integração dos outros extratos de vegetação, mas elas vão além, proporcionando o toque de cor em jardins ou em locais como centros de compras, escritórios, interiores de residências etc.

Há aspectos significantes que devem ser levados em consideração, quando se pretende fazer composições com plantas anuais. Se for folhagem, são importantes a forma, a cor, a inserção e a disposição da folha no caule, o aroma e, por fim, aspectos da textura, como brilho, pilosidade, nervuras; se for flor ou inflorescência, a forma, a cor, o perfume e o tamanho. Quando se compõe no jardim utilizando vegetação, os contrastes entre plantas e a combinação de cores são fatores fundamentais. A floração de uma planta é o que mais se destaca em uma paisagem manejada, por isso é preciso combinar localização da flor na planta, e dessa no jardim, com época de floração, duração das flores, cor e efeito dessa cor no todo.

A percepção das flores pode variar de um observador ou desfrutador do jardim para outro. Contudo, existem teorias de que o verde das folhagens e o azul do céu podem ser pano de fundo para combinação com cores quentes (vermelho, amarelo e laranja) e frias (verde, lilás e azul).

A manipulação das cores é responsável por alterar os espaços, propiciar bem estar e provocar vários tipos de reações físicas. As cores afetam umas às outras; se próximas no círculo de cores, como vermelho com laranja, amarelo com verde, chamadas de análogas, criam um clima harmonioso, dão sensação de continuidade. Se as cores são opostas, como vermelho e verde, azul e laranja, são chamadas de complementares, uma cor intensifica a outra, e podem dar um realce à informação que se quer passar no projeto.

Resumidamente, podemos dizer que as cores quentes são energeticamente estimulantes, fazem um elemento parecer mais próximo e maior, diminuindo o tamanho dos jardins. Quando se tem grandes extensões gramadas ou cobertas com outros tipos de forrações monótonas, quebra-se a dimensão monumental e aproxima-se o jardim a uma escala mais humana, como foi feito em Brasília, utilizando-se canteiros de flores em meio aos imensos espaços cobertos de vegetação rasteira. No caso das cores frias, elas dão uma sensação de calma, até de submissão aos outros elementos, os objetos parecem menores, mais distantes. Elas são ideais para ambientes pequenos, jardins com espaços restritos em que se pretende diminuir a opressão do espaço, causando sensação de alívio, de calma, de menor claustrofobia.

No projeto paisagístico, a concepção das formas e linhas é fundamental para a distribuição das plantas. A linha induz a algum lugar e sugere sensações; se é horizontal, indica paz, calma, descanso; por exemplo, um canteiro linear de flores do mesmo tamanho. Quando a linha é vertical, indica ascensão, força e segurança; por exemplo, no caso em que, de um canteiro de flores, passa-se a um maciço de arbustos e, em seguida, a um aglomerado de árvores. Canteiros em forma de curva dão graça e movimento: curva ascendente sugere superação e grandiosidade, curva descendente, abatimento ou depressão. As curvas fragmentadas em pequenos segmentos demonstram nervosismo, em segmentos grandes, agitação.

Os caminhos a serem feitos no terreno são os naturais, conforme o terreno, e os marcados após observação das rotas de carros e pessoas, mas os canteiros devem ser marcados antes e podem tanto esconder caminhos, como realçá-los. Um canteiro sinuoso pode quebrar um caminho linear e uma paisagem monótona pode ser melhorada com canteiros “quebrados”.



Quando bem floridos, os canteiros propiciam leveza aos caminhos, mas em exagero podem cansar. É importante que se faça canteiros com a mesma espécie para realçá-la, dando maior impacto visual. Contorná-los com espécies contrastantes é uma forma de quebrar o rigor de uma única espécie, mas sem tirar o atrativo que se pretende com a espécie principal.

A conformação dos terrenos pode ser abrandada com a utilização de taludes para formação de maciços em canteiros. Alternando espécies de forrações que podem ser renovadas ou não, propiciam-se, então, pontos de referência no jardim. Além de tudo, os canteiros protegem os declives de erosão.

Na formação dos canteiros, existe um fator preponderante para o planejamento do jardim, principalmente por estar ligado ao custo do projeto, que é o número de mudas a serem colocadas. Para plantas que serão usadas como forrações, o cálculo é feito a partir da área total do canteiro e a distância das mudas entre si. Se entre cada planta o espaço é de 10cm, ela ocupa 100cm² (0,1m²) e se o canteiro é de 150m², o número de mudas será de 1500 mudas. Quando os canteiros são irregulares, eles devem ser divididos em áreas regulares (triângulos, retângulos etc.) e a partir da área de cada forma calcula-se o total do canteiro. Outro método seria quadricular a área. As bordaduras são mais fáceis de serem calculadas, uma vez que só se calcula a metragem dividida pelo espaçamento das plantas.

Manejar plantas que não são perenes significa ter um jardim florido e agradável o ano inteiro, ou melhor, um novo jardim a cada tempo. A renovação é uma arte. Embora as sucessivas trocas de mudas possam ser um simples modismo, elas podem ser mais que isso, ao aliar constantes modificações a um conceito com conteúdo, com valores atemporais.

Apesar de exigir esforços extras, muitas vezes de trabalho e custo, as mudanças constantes num jardim com flores anuais ou bianuais levam a resultados compensadores. O jardim sempre será um lugar vibrante, em qualquer contexto. O jardim é o efeito da criação de cenários onde os atores e atrizes brilham num palco que mimetiza a Natureza. O belo e o meio natural se reaproximam do Homem, hoje tão apartado da Natureza.

ASPECTOS TÉCNICOS

A escolha e adequação do terreno para a implantação de um jardim de flores anuais ou bianuais é fundamental para que se possa alcançar o sucesso pretendido. Antes de qualquer plantio, recomenda-se assinalar, na planta do terreno, a posição dos canteiros e os locais onde as flores serão plantadas. É preciso saber qual será o formato do jardim e sua localização e se haverá necessidade de modificações no terreno. Em caso de retirada de terra, deve-se tomar o cuidado de provocar o menor revolvimento possível, para não haver perdas de camadas férteis e compactação. Caso seja necessário aterrar o local, é preciso avaliar a origem do material e evitando-se elementos indesejáveis, como ervas daninhas, restos de construção etc.

Fazer a amostragem de solo e encaminhá-la para um laboratório especializado, para avaliar sua fertilidade e proceder, previamente, as devidas correções e adicionar, adequadamente adubos e matéria orgânica necessários para mantê-lo poroso e fértil, com boa aeração e umidade, para possibilitar a penetração e desenvolvimento das raízes.

É importante verificar se ocorre acúmulo de água no terreno antes de marcar os canteiros, implantando-se, quando necessário, um sistema eficiente de drenagem, por meio de sulcos superficiais ou valetas de drenagem, visando eliminar poças e o excesso de água no solo.

A água é primordial no desenvolvimento das plantas, não somente por sua importância fundamental no seu metabolismo, como, também, na dissolução de nutrientes que serão absorvidos por suas raízes. Quando a água é escassa ocorre o estresse hídrico e nutricional. Por outro lado, o excesso de água é prejudicial, uma vez que interfere na respiração do sistema radicular, ocasionando o seu apodrecimento. Além de que as doenças fúngicas são mais freqüentes quando a folhagem e o solo estão constantemente molhados, provocando sintomas de manchas foliares e murcha bacteriana de plantas.

Portanto, o fornecimento adequado, por meio de métodos da irrigação eficiente, deve garantir quantidades de água constantes e regulares para as plantas. A irrigação manual é trabalhosa e pouco eficiente, uma vez que, geralmente, umedece somente a superfície do solo. Os sistemas de irrigação localizada, como a microaspersão e gotejamento, são os mais adequados, pois fornecem a quantidade necessária de água regularmente, de maneira eficiente, evitando-se estresse hídrico, encharcamento do solo e desperdício de água.

Após o preparo adequado do terreno e a instalação de sistemas de irrigação e drenagem, é hora de escolher as espécies que se quer implantar, utilizando-se sementes de boa qualidade, certificadas, puras, dentro do prazo de validade, com bom vigor e poder de germinação, e isentas de pragas e doenças. A prática de usar suas próprias sementes pode trazer surpresas desagradáveis como a de degeneração de características genéticas na segunda

geração, como produção de flores com baixo rendimento e com tonalidade e formato inferiores.

Recomenda-se fazer a semeadura em canteiros ou em recipientes, em solo bem preparado, que possibilitem a produção de mudas homogêneas e vigorosas. Os canteiros apresentam como principal desvantagem, a presença de sementes de plantas daninhas, fungos e insetos que proliferam-se com facilidade, portanto devem ser criteriosamente controlados. Uma boa alternativa é a semeadura em recipientes, utilizando-se substratos comerciais adequados, sadios e isentos de propágulos de plantas daninhas.

Na semeadura em canteiros, devem-se distribuir as sementes, cuidadosamente, em pequenos sulcos, evitando-se a concentração das mudinhas em determinados pontos, buscando-se obter mudas de qualidade, com excelente vigor e sanidade, prontas para serem replantadas e para competir com as plantas daninhas que eventualmente surgirem no local definitivo.

Outra alternativa seria a semeadura em ambiente protegido, como estufas e telados, em bandejas contendo substrato. De acordo com o tamanho das sementes, a semeadura poderá ser feita em uma ou duas etapas. Quando as sementes são muito pequenas, como a petúnia (*Petunia X hybrida*), recomenda-se semeá-las previamente em uma bandeja sem divisórias e depois repicar as mudinhas recém-germinadas em células individualizadas para que tenham maior espaço para o seu desenvolvimento. As espécies com sementes maiores, como Beijo-do-frade (*Impatiens balsamina*), poderão ser semeadas diretamente nas células individualizadas em bandejas subdivididas. Para otimizar a germinação convém observar a exigência de luz e temperatura de cada espécie de plantas anuais. Para projetos com canteiros extensos, existe a possibilidade de contratar a produção de mudas de empresas especializadas.

No preparo do canteiro definitivo, revolver o solo com ferramentas apropriadas, eliminando-se pedras e quebrando-se os torrões presentes, acrescentando-se os fertilizantes e matéria orgânica, misturando-os homogêaneamente ao solo. Neste local, replantar as mudas no espaçamento adequado, lembrando-se do espaço que cada espécie necessitará para o seu pleno desenvolvimento. Após o transplantio, irrigar adequadamente o solo.

Ao cultivar o solo, logo surgem as plantas invasoras, que competem com flores anuais em todos os aspectos, como espaço, umidade e nutrientes, além de promover obstrução da luz solar. Para o sucesso de implantação de um jardim, é preciso que, desde o início, o manejo seja voltado para o combate dessas plantas indesejadas. Como elas se reproduzem muito rapidamente, em ciclos muito curtos, recomenda-se eliminá-las logo que surgirem, pois serão mais facilmente removidas, sem prejudicar o sistema radicular das ornamentais anuais.

O uso de cobertura morta entre as fileiras das plantas é uma boa maneira de reduzir a germinação e o crescimento de plantas invasoras. Quando colocada no início do ajardinamento, sua eficiência aumenta muito, diminuindo a necessidade de ações futuras, pois impede a passagem da luz, além de conservar a umidade pela diminuição da evaporação, amenizando a temperatura do solo. Além disso, facilita o controle de invasoras que persistam em germinar.

O controle de plantas invasoras pode ser feito também com herbicidas, embora os cuidados devam ser maiores, com cálculo de dosagem correta e pulverização adequada, no entanto, muitas vezes, é o método mais rápido para limitar sua proliferação.

Outro cuidado constante que se deve ter com as plantas anuais é observar com frequência a ocorrência de pragas e doenças, mantendo-a limpa, pela remoção de folhas, hastes, flores e plantas mortas, bem como efetuar pulverizações preventivas e curativas de fungicidas e inseticidas quando houver necessidade.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BAILEY, L.H. *Manual of Cultivated Plants*. N.Y. MacMillan. 1971. 102p.
- CREATIVE HOMEOWNER PRESS. *Annuals (Smart Guide)*. London: Creative Homeowner Press. 2008. 96p.
- DEMATTE M.E.S. P. *Princípios de paisagismo*. 3ª ed. Jaboticabal: FUNEP. 2006. 144p.
- HARTMANN, H.T.; KESTER, D.E.; DAVIES JR., F.T.; GENEVE, R.L. *Plant Propagation: principles and practices*. 6 ed. New Jersey: Prentice Hall. 1997. 770p.
- KÄMPF, A. N.. *Produção comercial de plantas ornamentais*. Livraria e Editora Agropecuária. 2000. 254p.
- LARSON, R.A. (ed). *Introduction to floriculture*. Academic Press Inc. 1998. 607p.
- LORENZI, H. *Plantas ornamentais do Brasil*. 3 ed. 2001, 1.088p.
- SILVEIRA, R.A.B. E BARROS, F. de. *Jardinagem: aspectos básicos e aplicados*. São Paulo: Instituto de Botânica. 2001, 108p.